

DERRIDA E O ENSINO DE FILOSOFIA

AUTORA: - **Email:** anny1984-rx@hotmail.com

(Licenciada em Filosofia, área de Filosofia, UFCA)

ORIENTADOR: Dr. Luiz Manoel Lopes (Professor do Curso de Licenciatura em Filosofia, área de Filosofia, UFCA)

Resumo: O presente trabalho tem como objetivo pensar a contribuição da filosofia contemporânea para o ensino da filosofia através das considerações elaboradas por Jacques Derrida em torno daquilo que denomina “saída do logocentrismo”. A civilização ocidental seria aquela que estabeleceu o primado da linguagem em relação à escrita, a posição deste pensador é apresentar uma concepção de pensamento filosófico que reverte este primado, deixando aparecer uma nova tendência que afirma ser “a escritura” totalmente independente da linguagem, portanto o logocentrismo, como primado da voz do Ser, é o que deve ser ultrapassado em sua maneira de pensar. A secundariedade da escrita em relação à linguagem tem, no seu entender, a mesma tendência que se apresenta quando distinguimos o sensível do inteligível. A sua proposta para o ensino da filosofia vai de encontro ao que se considerou por muito tempo, como o lugar em que as ilusões se dão, ou seja, a opinião, a doxa, como o lugar em que se confunde a realidade das coisas com suas aparências; a procura desta realidade tem, como mostra Derrida, uma preocupação com o que se considera como a busca da *presença*. A procura por aquilo que confere realidade às coisas, como a tarefa iniciada pelos filósofos desde a antiguidade, isto é, o problema e a questão do Ser, esta questão remete para o que permite o melhor contato com as coisas em sua presença efetiva; sendo o tema que atrai Derrida, justamente porque vincula a pesquisa da metafísica à presença. A pergunta pela existência das coisas se dá a partir das relações entre o Ser, como algo mais amplo e mais abrangente, e aquilo que remete para a existência das coisas, em suas

individualidades reais, as quais apresentam certas características que mudam sobre algo que permanece sustentando tais mudanças, ou seja, a substância individual das coisas e seus acidentes. Ora, a metafísica estabelece a hierarquia que vai do Ser à substância e aos seus acidentes, os quais se apresentam como quantidades, qualidades, relações, tempo, lugar, posição, estado, ação e paixão. A metafísica considera que estes são os múltiplos significados do Ser, os quais são modos de indicar como as coisas se apresentam na realidade; tais significados remetem para as representações das coisas, através dos estados de alma, que segundo Aristóteles, são comuns a todos os seres humanos. Neste trabalho será apresentado algumas perspectivas do pensamento de Derrida que possam contribuir para o ensino da filosofia num diálogo com a tradição, com a metafísica da presença, a qual propõe a sua desconstrução. Sabendo que a desconstrução derridiana é todo processo que se inicia quando se busca encontrar, dentro dos textos, o princípio que os formam; e ao mesmo tempo o ponto pelo qual é possível iniciar o processo de desconstrução. A partir desta pesquisa introdutória sobre o pensamento de Derrida, é que podemos ensinar filosofia a partir de um desvio e também questionando o presuposto da origem e também do fim, a busca desenfreada pela origem, pela presença eterna de um lugar que poderia assegurar por fundamento o melhor meio e o mais original de apresentar a filosofia, foi posto em declínio pelo pensamento desconstrutivo; O privilégio dado ao *logos* é destituído em prol de um pensamento questionador que se afigura como um dos mais coerentes na leitura da resistência que a filosofia exerce na contemporaneidade. Não seria mais obrigatório começar a ensinar filosofia buscando as origens do pensamento grego. As colocações de Derrida sobre quando e onde começa a escritura, somente sinaliza para a desconstrução da metafísica da presença; a sua meditação sobre os rastros, sobre aquilo que deixa rastros enquanto “*différance*”.

A desconstrução é um modo de ensinar aprendendo e de aprender ensinado, a *différance* é este modo impossível de encontrar a presença da origem. A filosofia, quando aparece na Grécia, tem várias questões para responder, mas uma prevalece mediante às outras, e esta questão é aquela que remete à possibilidade de pensarmos e dizermos o Ser, portanto a questão fundamental da filosofia é esta: *o que é o Ser?* A partir da colocação de Parmênides - “o ser é e o não-ser não é” - uma questão aparece causando aporias para a posteridade filosófica: como *pensar e dizer o ser de modo a não repetir a proposição de Parmênides?* Platão, no Sofista, apresentou uma nova maneira de dizer o ser, ele enunciou o seguinte: “*em certo sentido, o ser não é*”. O que aparece aqui na expressão, “*em certo sentido o ser não é*”, mostra que Platão não está afirmando o *não-ser absoluto*; e sim, o *não-ser relativo*. A mesma questão, levantada por Parmênides, fará com que Aristóteles afirme que o ser se diz em

múltiplos significados. Não podemos deixar de considerar o papel atribuído a *Górgias de Leontini*, no seu *Tratado do Não-Ser*; a ruptura proposta, por este pensador, repercute em Platão e em sua posteridade, uma vez que entra em confronto com afirmação de Parmênides – “Pensar, ser e dizer são o mesmo”. Górgias, ao afirmar que “*nada é*”, rompe com o nexo entre *o pensamento, a linguagem e as coisas*, o que está colocando é que os sentidos diferem entre si e, portanto, aquilo que a linguagem diz, não possui nenhuma proximidade com o que pensamento pensa; e esta diferença entre *os sentidos* impede a afirmação: “*tudo é*”. A permanência desta introdução sofística, no seio das aporias filosóficas, é aquela que diz que Parmênides somente pensa o Ser em único sentido. Parmênides é partidário da univocidade do Ser. Górgias, com todos os cuidados possíveis, afirma que é preciso distinguir um sentido do vocábulo Ser, enquanto indicando existência das coisas, daquele outro que indica *uma cópula entre um sujeito e um predicado*. Portanto, é preciso distinguir, no domínio da ambiguidade do vocábulo Ser, pelo menos dois sentidos: o de existência e o de atribuição. Ora, o que Platão propôs como saída desta aporia, foi dizer que o Ser, *em certo sentido, não é*. Aristóteles, por sua vez, destacou que o Ser se diz em múltiplos significados. No entanto, é o logos que prevalece mediante todas as maneiras de pensar o Ser diferentemente o eleata.

As considerações sobre o melhor modo de *dizer* o Ser, além de repetir que ele é, culminou naquela que além de afirmar que o ser é dito em múltiplos significados, apresenta que *a linguagem é o meio de significar as coisas as quais são representadas pelos estados de alma*. A questão de Derrida é justamente sair desta maneira de pensar que coloca *a linguagem escrita submetida à linguagem falada*. Ora, na concepção derridiana, é justamente através desta questão que o “*logocentrismo*” se estabelece e percorre toda a tradição filosófica, sendo o seu propósito continuar pensando filosoficamente, mas de uma maneira inteiramente diferente daquela que se apoia no logos. Ora, para que o seu projeto se desenvolva, estabelece um percurso que se inicia nas afirmações sobre a distinção entre sensível e inteligível até àquela em que a escrita torna-se submissa à linguagem, para que estas distinções e submissões não sejam mais aceitas de bom grado. A partir desta problemática, procura considerar que o Ocidente colocou o Ser como associado ao Logos; é o Ser quem fala e a escrita deve obedecer à voz do Ser. Todavia, a este lugar secundário que a escrita é colocada, este pensador procura deslocá-la ao elaborar o conceito de escritura. *O que seria a escritura?*

“Há, agora, a tendência a designar por “escritura” tudo isso e mais alguma coisa: não apenas os gestos físicos da inscrição literal, pictográfica ou ideográfica, mas também a totalidade do que a possibilita; e a seguir, além da face significante, até mesmo a face significada; e a partir daí, tudo o que pode dar

lugar a uma inscrição em geral, literal ou não, e mesmo que o que ela distribui no espaço não pertença à ordem da voz: cinematografia, coreografia, sem dúvida, mas também “escritura” pictural, musical, escultural etc. Também se poderia falar de escritura atlética e, com segurança ainda maior, se pensarmos nas técnicas que hoje governam estes domínios, em escritura militar ou política.” (DERRIDA, 2006, p.11)

A posição de Derrida em relação à metafísica considera que buscar a presença das coisas é o mesmo que buscar uma origem e encontrar o fundamento que na verdade é o que o filósofo denomina de presença.

“A tradição filosófica ocidental tem sido dominada por uma poderosa operação de *fixação de centro(s)*. A partir, portanto, do que chamamos o centro e que “podendo igualmente estar fora ou dentro, recebe indiferentemente os nomes de origem ou fim, de *arquê* ou de *telos*, as repetições, as substituições, as transformações, as permutas são sempre *apanhadas* em uma história do sentido – isto é, simplesmente uma história – cuja origem pode sempre se despertar ou cujo o fim pode sempre ser antecipado na forma de presença.”

A gramatologia em Derrida começa por pesquisar a grama (*grammé*) ao invés da voz (*phoné*), o que legitima a sua pesquisa como afastamento do logocentrismo, uma vez que remete para questões da contemporaneidade em que cada vez se evidenciam tendências para o grama, tendências pró grama. A leitura da contemporaneidade pela via derridiana deixa-nos entrever em que medida a escritura ganha importância em relação à linguagem. Todavia, a proposta de Derrida não substitui a *phoné* pela *grammé*.

Em sua obra “*Gramatologia*”, Derrida parte da linguagem para procurar refletir a educação focalizando na desconstrução: retirar a escrita da subordinação à linguagem. A partir da noção de escritura, questiona o próprio conceito do sentido da palavra “*différence*”, a tradição filosófica considerou uma distinção entre sensível e inteligível, e desde aí nunca se pensou como entre esta divisão se dá a diferença. Derrida estabelece que é preciso pensar a diferença de outro modo, e por isto reescreve a palavra diferença, que em francês é escrito como *difference*. Na sua concepção a palavra *difference* remete ao rastro que se dá entre o sensível e o inteligível. Onde é que esta escrito que existe uma divisão, uma diferença, entre o sensível e o inteligível? Derrida quer justamente desconstruir esta ideia de que nos falamos e aceitamos que tal divisão simplesmente existe por si mesmo, por isto ele diz que a civilização ocidental é logocêntrica, ou seja, a palavra, a linguagem, a oralidade tem sempre

um maior valor, e mesmo após o aparecimento da escrita, esta continua submissa à linguagem. O conceito de escritura é utilizado pelo filósofo como promessa de retorno do significado à ele mesmo, o que nunca ocorre, pois a significação de algo só ocorre através do rastro outro rastro, onde o significado é o significante do próprio significante, o que não permanece o mesmo. Segundo Derrida, a filosofia não deveria ter como objetivo a busca das coisas, mas deveria concentrar-se na linguagem que se utiliza. Pois, a linguagem é um sistema estabelecido num conjunto de diferenças entre os fonemas e não uma co-relação entre o signo e o objeto o qual ele representa. Isso possibilita uma variedade de significações. Derrida revela que é a consciência e a linguagem que nos possibilita conhecer. Assim deve-se pensar no quanto as palavras podem significar e não no que elas significam. A linguagem nos seus diferentes significados, realiza operações difíceis de pensar, como por exemplo, num texto que possibilite apenas uma única forma de interpretação. . A escrita não se aplica apenas a comunicação verbal, mas também a outros sistemas mais complexos como a biologia e outras ciências da linguagem. Há diferenças entre um texto jornalístico e o laudo de um exame laboratorial.

O que Derrida propõe é decompor os elementos da escrita a fim de investigar as entrelinhas desconstruir as palavras e analisar as partes dissimuladas dos conceitos. Com isso ele propõe desconstruir a própria realidade da filosofia. Propondo que a filosofia não é uma realidade morta para a sociedade, que existem outras ciências que podem contribuir para o ser humano. Esse é o ponto básico para a desconstrução. Seassure entre outros afirma que com o surgimento da escrita o ser humano se perdeu da pureza que tinha desde os filósofos antigos como Sócrates e Platão. Derrida vai contra isso, provando que a desconstrução baseando-se nos estudos de linguística de Seassure ele desmonta os textos filosóficos e afirma não haver razão para essa divergência pois, a fala e a escrita devem andar juntas para se construir uma realidade. Vejamos a citação de Rossano Pecoraro sobre o conceito de desconstrução:

“Os fundamentos da desconstrução exposto em *Da gramatologia*, o texto mais programático, argumentativo e sistemático de Derrida. Contestando o privilégio concedido à voz pela tradição metafísica ocidental, o filósofo visa individuar as condições de possibilidade da experiência, isto é, o transcendental que se dá na série de inscrições que dissolvem a ideia de uma presença pura e de uma origem incontaminada, mostrando que aquilo que sempre já opera nada mais é do que rastro, diferença, arque escritura, iterabilidade. (PECORARO, 2009, p.329).

Segundo Derrida, a desconstrução não é um método nem é uma teoria. Tomando como exemplo na área de direito toda ação jurídica e toda finalização de um processo nada mais é do que palavras jogadas ao vento. É por meio das palavras que você constrói ou desconstrói a realidade de uma pessoa, constrói ou nega uma pessoa. Veja que a ideia de desconstrução como dito acima está ligada a uma filosofia da linguagem no sentido de que, para ele, a desconstrução refere-se a uma desmontagem, a uma decomposição da escrita, pois, segundo o filósofo nem sempre as palavras e conceitos comunicam o que prometem. A desconstrução refere-se a desconstrução do logocentrismo como soberania da razão. Para ele, a escrita não tem necessariamente o lugar de representação da linguagem oral. Derrida tenta desconstruir a escrita como lugar subalterno. Trata-se de uma desconstrução metafísica. Derrida, na Gramatologia, utiliza Nietzsche e o modo que este se utiliza da escrita para expor seu pensamento intempestivo e faz a seguinte citação:

“Nietzsche *escreveu* o que escreveu. Escreveu que a escritura – e em primeiro lugar a sua – não está originariamente ao logos e à verdade. E que esta sujeição *veio a ser* no decorrer de uma época cujo sentido nos será necessário desconstruir. Ora, nesta direção, mas apenas nesta direção pois, lida de outra maneira, a demolição nietzscheana permanece dogmática e, como todas as inversões, cativa do edifício metafísico que pretende derrubar.” (DERRIDA, 2006, p.23).

O sistema de escritura de Derrida, ao contrário de outros filósofos da linguagem, não tem sua teoria ligada ao fonema, grafema nem ao signo. Não tem a palavra como representante das coisas o corpo, segundo ele, a música as ciências falam por si. Ao contrário de Saussure ao afirmar que a língua falada tem uma tradição independente da escritura por ser derivada e representativa. A voz seria representante de si e do objeto ideal e continua afirmando a definição tradicional de escritura que desde Platão e Aristóteles já se limitava ao modelo de escritura fonética. Saussure afirma; “A única razão de ser da escritura é representar a língua” (Curso de linguística Geral, p.34. O grifo é nosso). E defende que não deveria haver distinção entre signo linguístico e signo gráfico, só deveria haver essa distinção entre a voz e o sentido em geral. A escrita deve ser representada de forma exterior à fala não sendo sua imagem ou seu símbolo e mais interior à fala que em si mesma já é uma escritura. O que leva Derrida a criticar Saussure é que em seu entender Saussure pensaria a escrita como simples representação da fala sem lhe acrescentar nada. Ao falar de valor e significação ele refere-se a

um signo dentro de um sistema o qual ele não é capaz de representa-lo, más tem valor ao ser colocado em relação a outro signo.

Como já citado anteriormente a linguagem foi o grande tema estudado por linguistas do século XX. Quando Derrida desenvolveu sua filosofia da linguagem que difere da teoria de outros que instauram apenas a fala e a phoné. E sim, da linguagem em geral como representação do que é o homem afirmando que tudo o que há no mundo se apresenta como linguagem. Falamos da linguagem matemática, computacional, dos alunos, do homem e da natureza. A escritura está presente em tudo o que há no mundo como representação do jeito de ser de cada ente assim, tudo o que há no mundo se apresenta a nós. Isso leva Derrida a não pensar o signo como significante, caso fosse ele acabaria se tornando um significante do significante assim ocupando lugar do significado dando sentido ao sistema. Derrida substitui o conceito signo pelo traço, pois, diferente do signo ele não apresenta significante que o represente desde o início sem dar um sentido próprio, mas que se apresente de forma a causar efeitos. Então, o conceito de escritura vai além e encontra em si o conceito de linguagem. Assim a fala e a escrita seriam não significante, mas sim o rastro. O traço é que representa o movimento da escritura que por sua vez estará à frente de todos os outros conceitos que antecederam a linguagem. Tudo o que foi citado esta dentro da desconstrução derridiana, para chegar a esse conceito é preciso ter consciência do tempo da história e da forma como vemos e compreendemos o mundo.

Palavras-chave: ensino, filosofia, desconstrução.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

DERRIDA, Jacques. **A escritura e a diferença**. Trad. Maria Beatriz M. Nizza da Silva. São Paulo: Perspectiva, 1971

DERRIDA, Jacques. **Gramatologia**. Trad. Miriam Schnaiderman e Renato Janini Ribeiro. São Paulo: Perspectiva, 1973

DERRIDA, Jacques. **Margens: da filosofia**. Trad. Joaquim Torres Costa e Antônio Magalhães. Campinas: Papyrus, 1991

DERRIDA, Jacques. **A voz e o fenômeno: introdução ao problema do signo na fenomenologia de Husserl**, Trad. Lucy Magalhães. Rio de Janeiro. J. Zahar, 1994.
PECORARO, Rossano.

